

Indústria investe em ensino básico

educação

Carlos Rodrigues
de São Paulo

Com investimentos relativamente baixos, empresas privadas estão conseguindo bons resultados na área educacional. Elas oferecem de material escolar e passeios ecológicos para crianças carentes até cursos para os funcionários e seus filhos.

O Grupo José Pessoa, produtor de álcool que faturou R\$ 150 milhões em 1998, implantou um programa de educação em suas unidades em Sergipe, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. A empresa gasta R\$ 1 milhão ao ano com o projeto. "Ele é a garantia de que as crianças das cidades onde atuamos estarão fora das ruas", explica José Pessoa, diretor-presidente do grupo.

O investimento em educação começou há quatro anos. No ano passado, contudo, os acionistas decidiram ampliá-lo, lançando o Projeto Criança Feliz, no qual estudantes de 1^a a 8^a séries recebem aulas de reforço fora do período escolar. Em menos de um ano, ele já atende cerca de 1.500 alunos.

O programa teve início na Debrasa, município de Brasilândia (MS) — com 2 mil habitantes. E tem alguns dados que chamam a atenção. O Criança Feliz atende 350 estudantes, ou seja, quase todas as crianças do município — quer sejam filhas de funcionários da empresa ou não. "Sem ele, elas não teriam um estudo de qualidade tão boa", diz Jacqueline Kelli Fuvetti, assistente social da empresa.

O sucesso do programa foi tanto que incentivou a Debrasa a investir na educação de seus funcionários. Ainda no ano passado, todos os trabalhadores do grupo passaram a receber aulas de 1º grau através do Telecurso 2.000. Agora, o programa educacional será estendido para 5^a e 8^a séries. A meta, até 2001, é oferecer o 2º grau completo aos seus 7 mil funcionários.

Já a Ericsson decidiu "adotar" escolas carentes de São José dos Campos (SP), garantindo o fornecimento de material escolar para os alunos do 1º grau. "O abandono às vezes é tão grande que não podemos esperar apenas o governo tomar uma atitude", diz Adriana Souza, analista comunidade da empresa de telecomunicações.

Gastando apenas R\$ 13,6 mil, a Ericsson forneceu 940 kits de material escolar no ano passado. Em 1999, o investimento no projeto foi reduzido para R\$ 2,1 mil. Isso se explica: desta vez, a maior parte do material foi fabricado com papel reciclado, produzido a partir de 120

toneladas de papel descartadas pela própria empresa.

Duas escolas já são beneficiadas pelo programa, que será ampliado com palestras sobre saúde e dicas de prevenção de várias doenças para pais e alunos. Este ano, os alunos de uma das escolas vão usar uniformes pela primeira vez, fornecidos pela própria Ericsson.

Até agora, explica Adriana, não há um levantamento dos resultados obtidos com o investimento da empresa. "Estamos dando uma oportunidade para crianças carentes, que agora vão ter reais condições para estudar", afirma. "Acreditamos que eles vão começar a ser colhidos a partir deste ano".

A Ripasa Papel e Celulose — que teve receita líquida de R\$ 302 milhões de janeiro a setembro do ano passado — resolveu investir na educação ambiental. Em uma Área de Preservação Permanente — com 40 hectares e 150 animais silvestres —, em Ibaté, no interior de São Paulo, a empresa construiu uma Trilha Interpretativa da Natureza.

Semanalmente, alunos de 5^a e 6^a séries de escolas locais recebem aulas sobre a fauna e a flora. Os estudantes aprendem, na prática, a teoria que é ministrada nas salas de aula. Todo o programa está ligado ao currículo escolar.

O projeto foi implantado em 1986, em caráter experimental. No início, ele era ministrado somente aos funcionários da Ripasa. "Decidimos fazer o caminho inverso de outras empresas. Primeiro avaliamos os resultados com os nossos trabalhadores e só depois abrimos o programa para a comunidade", explica Sandra Pegorelli, que é assessora de comunicação corporativa da Ripasa.

O projeto passou a ser ministrado para escolas a partir de 1990, na Fazenda Fortaleza — uma das 7 reservas florestais da empresa. Nesses oito anos, ele já foi visitado por aproximadamente 30 mil estudantes. Somente no ano passado, recebeu cerca de 3.800 alunos. E, para este ano, a expectativa é ultrapassar a casa dos quatro mil.

O sucesso do programa de educação ambiental foi tanto que outro foi aberto em abril do ano passado na Fazenda Ibiti — próximo à fronteira com o Paraná — que, em oito meses, recebeu 1.400 visitantes. O objetivo é também aumentar o número para quatro mil.

A empresa gasta em média R\$ 55 mil anuais com os dois programas. "O retorno que temos é muito maior do que os R\$ 55 mil. Temos a certeza de que os estudantes vão respeitar a natureza", completa Sandra.